

Paixão de Jesus Cristo

LUCIANO CABRAL DUARTE

Hoje, sexta-feira da Semana Santa, os cristãos e muitos não cristãos se perguntam que sentido tem esta morte do inocente, numa cruz ensanguentada, há dois mil anos, em Jerusalém. A pergunta tem sua razão de ser. E por isto vou tentar aqui, enquanto possível me for, tecer algumas considerações sobre este mistério. Todo mistério é uma obscuridade luminosa. Assim, alguma aproximação é possível, na direção da moldura de luz que envolve e escuridão.

O texto mais impressionante do Antigo Testamento sobre a morte do Senhor Jesus, o relato profético que mais me fala ao coração, está nos Cânticos do Servo de Javé, na parte segunda do livro do Profeta Isaías. Esses pergaminhos foram escritos cerca de seiscentos anos antes do nascimento de Jesus Cristo. Mas a maneira límpida, rica de pormenores, abundante em considerações teológicas com que eles apresentam esse Servo Sofredor de Javé, que não é outro senão o Messias, tudo isto ilumina a sexta-feira da Paixão com uma claridade antecipada que nos espanta. E nos faz sentir que, ao ler esses escritos, estamos pisando o chão de Deus, a terra do Sagrado.

Os Cânticos de Isaías sobre o Servo de Javé são quatro, disseminados em fragmentos, dispersos ao longo da segunda metade do Livro de Isaías, também chamada o "Livro da Consolação de Israel". A partir do capítulo quarenta e dois da citada obra, lá estão eles, à nossa espera. Nas Biblias católicas, na altura do mencionado capítulo, os leitores encontrarão indicações do lugar em que se acham todos os Cânticos. Aqui, vou ocupar-me apenas do Quarto Cântico, que aparece no texto de Isaías, do capítulo 52, vers. 13 até o capítulo 53, vers. 12.

Ponho sob os olhos do meu leitor alguns trechos desta surpreendente passagem da Bíblia.

"Meu Servo foi elevado, posto nas alturas. As multidões ficaram per-

turbadas diante dele, tão desfigurado estava seu aspecto, tanto a sua forma não era a de um homem.

Não tinha beleza nem encanto para atrair nosso olhar. Foi abandonado e desprezado pelos homens. Tornou-se um ser humano que conhece o sofrimento. A dor lhe invade o corpo e a alma a tal ponto que, diante dele, todas as pessoas escondem o rosto, para não contemplar o desfigurado.

E entretanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, e o que ele carregava eram as nossas dores.

O castigo que devia ferir-nos e sanar-nos tombou sobre ele, e por suas chagas fomos curados.

Todos nós, como ovelhas errantes, andávamos por nossos descaminhos; Javé, porém, fez cair sobre ele a iniquidade de todos os homens."

No primeiro período transcrito acima, é Deus quem fala, anunciando no claro-escuro de uma metáfora, o modo pelo qual devia morrer seu Servo: a cruz. Na cruz ele será elevado da terra, suspenso do chão dos homens. E seu corpo estará tão rasgado em feridas, que os passantes velam o rosto, sem coragem de contemplar a tragédia do Inocente, vestido de alto abaixo por fios de sangue, como uma púrpura com farraços.

A partir do segundo período, Isaías e seus eventuais colaboradores se recolhem a uma angustiada contemplação interior, estremecendo diante daquilo que lhes é revelado. O Servo de Javé, o Messias, o Enviado, "manso e humilde de coração" é o cordeiro sem mancha que vai ser sacrificado em lugar dos homens pecadores. Ele tomou sobre seus ombros os nossos crimes, sem nada perguntar-nos, sem pedir sequer nosso assentimento, e vai morrer por eles.

O Servo de Javé está coberto de enfermidades, transido de dores, mas estas aflições não são merecidas por ele, pois são a punição de nossos pecados, a purificação cruel de

nossos erros, o preço dolorido de nossa salvação.

E o Quarto Cântico do Servo de Javé chega ao seu clímax no paradoxo desnorteador, que vem desassossegando nossas almas sonolentas: "Todos nós nos desencaminhamos, como ovelhas tresmalhadas. O Senhor, porém, colocou sobre o seu Servo a iniquidade de todos os homens." E São Paulo levará ainda mais longe a força descritiva da Paixão: O Servo de Javé não se fez apenas um pecador no meio dos pecadores que somos nós: ele se desfigurou e se transfigurou no pecado mesmo, tornando-se inexplicavelmente, o "próprio pecado" (2.^a epíst. aos Coríntios, 5,12).

*

Duas idéias deste Quarto Cântico me sugerem um comentário. A primeira é este desconcertante "porém", que sublinhei acima. Na linguagem humana, a conjunção "porém" introduz quase sempre uma variante accidental, para a qual a própria frase já nos vem preparando. Por exemplo: "O Imperador dom Pedro 1.^o teve suas grandes falhas; é a ele, porém, que devemos a independência do Brasil."

Em nosso caso, entretanto, o "porém" antecede uma exasperante contradição. Os pecadores são os homens, todos os homens; quem vai expiar este mar de culpas, "porém", é o Servo Inocente de Javé. Entra aqui a idéia bíblica da reparação dos crimes dos outros e da expiação substitutiva. São Paulo expora com ênfase, numa frase candente, esta idéia do Livro Santo: "Jesus Cristo me amou a mim e entregou-se a si mesmo por mim" (Gálatas, 2,20).

A segunda idéia que desejo considerar é esta inexplicável "necessidade" que entra, como um fio de mistério, na trama da morte do Servo de Javé. Quando vier a hora, Caifás, Sumo Sacerdote Judeu naquele ano, profetizará sem saber o que está fazendo: "E preciso que um só homem morra pelo povo, em vez de

perecer toda a nação" (João, 11,30). De onde vem esta "necessidade"? Como ousamos aplicar a Deus, o Absolutamente Livre, a obrigação de baixar-se ao jugo das coisas que se impõem aos homens, como uma lei inexorável? Não sei. Penso que tudo que se pode dizer sobre esta franja do mistério é que o Servo de Javé era livre de aceitar ou não a condição humana, pela encarnação.

Revestindo-a, espontaneamente, ele entrou no dédalo sem deslinde das coisas necessárias ao homem. Livrementemente ele pôs nos ombros os pecados da humanidade inteira. Agora, "é necessário" que ele aceite passar pela expiação reparadora que isto implica. "Sem efusão de sangue não se faz a redenção", ensina a Epístola aos Hebreus (Hebreus, 9,22). Nada se explica. A afirmação é curta e seca. Ela simplesmente assume a obscura e inextricável ligação entre o crime e o sangue, como fazendo parte da condição humana.

A Humanidade entrou no drama desta expiação sangrenta sem ser perguntada. Agora, todos os homens têm direito a uma oportunidade concreta de salvação. "Deus quer que todos os homens sejam salvos" (1.^a Tim, 2,4). Como é estranho que toda esta tragédia se jogue sobre as nossas cabeças, sem sermos consultados... Quando, hoje, qualquer homem abre os olhos de sua consciência religiosa, Deus já está à sua procura. Jesus, o Bom Pastor, anda incessantemente errando pelos nossos caminhos, impelido pelo amor de seu coração de Servo Sofredor de Javé.

A sexta-feira da Paixão é o mistério da morte do Inocente levado à cruz para aí morrer. E nesta morte, sabendo ou sem saber, todos os homens estavam e estão tomando parte.

D. LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE, 61, arcebispo de Aracaju (SE) é doutor em filosofia pela Universidade Sorbonne, de Paris (França)

"Folha de São Paulo" 17-IV-1987